

Racismo cultural no setor elétrico¹

Edvaldo Santana²

Eu era criança quando, em 1960, o etíope Abebe Bikila venceu a maratona da Olimpíada de Roma. Percorreu descalço os mais de 42 km. Fui saber desse feito heroico em 1969, numa aula de Educação Física. Dali em diante, Bikila é minha referência em superação. É meu talismã.

“Cadê nossa gente, professor?” Foi com essas quatro palavras que fui interpelado por uma jovem engenheira negra. Era o dia 12 de março, no Rio, num excelente workshop, uma tentativa de desvendar a agenda do setor elétrico brasileiro (SEB). Tinha por lá não mais que oito pessoas negras, num universo de 500. Era visível o quadro de segregação.

Minha primeira sensação foi de tempo perdido. De 47 anos de serviço jogados fora. Por que as negras e os negros não estavam naquele evento? A resposta, que não dei à jovem engenheira: é o resultado da força centrífuga da humilhação, que nos empurra para fora. É a força não inclusiva que nos tolera. O branco não percebe, mas, nesse tipo de ambiente, o negro fica como se ali não fosse seu lugar. É o não pertencimento.

E não foi a primeira vez que um negro me procurou com esse tipo de angústia. Logo que deixei a agência reguladora de energia, um jovem engenheiro quis saber por que nas reuniões e nos eventos, científicos ou não, eu era o único negro.

No ano passado, numa importante universidade mineira, tradicional na formação de engenheiros para o SEB, uma foto impactante. Na inauguração de um moderníssimo laboratório, todos os estudantes-pesquisadores eram brancos. Mas o dinheiro era público. Foi chocante a justificativa de um conhecido professor, que já exerceu diversos cargos de relevância no SEB.

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/racismo-cultural-no-setor-eletrico.ghtml>

Acessado em 18.04.2024

² Doutor em engenharia de produção e ex-diretor da Aneel

Na mesma semana, o Ministério de Minas e Energia (MME) postou numa rede social a foto da posse do CEO da Empresa de Pesquisa Energética (EPE). Todos os presentes, por volta de 200, eram brancos. Este ano, no dia que o CEO da Agência Internacional de Energia (AIE) esteve no auditório do MME, toda plateia era formada de pessoas brancas.

Se você não percebeu, dia 9 de abril, na solenidade de lançamento da MP da conta de luz, apenas homens brancos falaram. Uma olhada nas imagens da plateia, pelos mais diferentes ângulos, só caras brancas. Parecia uma solenidade no Palácio Real de Estocolmo. No dia seguinte, um conjunto de especialistas foram ao Planalto explicar o setor elétrico para o presidente Lula. Repare nas fotos. Novamente, só pessoas brancas. É natural que Edvaldo não tenha sido chamado à reunião. Mas por que não outras pessoas negras? Sim. Elas existem.

Aconteceu dia 12, no Rio, o segundo encontro de líderes do SEB. Convidado cinco dias antes, não tive como comparecer. Já não tinha como viabilizar passagem e hospedagem. Mas vi as fotos. Só líderes brancos. Se lá tivesse ido, teria que ficar pelos cantos.

No dia 13, o Globo publicou a “carinha” de cada um dos conselheiros da Petrobras, “a empresa do nosso povo”. Parece o conselho de uma empresa familiar dinamarquesa. Há uma imagem recente da diretoria da petroleira com o Lula. Só um dos diretores, o mais afastado do centro da foto, parece ser negro.

O quadro é o mesmo na Empresa Brasileira de Participações em Energia Nuclear e Binacional. E é assim também na Eletronuclear, na agência reguladora, na câmara de comercialização, na EPE e no operador do sistema. No universo de empresas privadas, o quadro é semelhante. E não é diferente nas entidades de lobbies do SEB.

São intransponíveis as barreiras aos negros no SEB. Em mais de 100 anos, não chega a 10 os que tiveram posições de relevo

São intransponíveis as barreiras para os negros no SEB, mais ainda para as mulheres negras. Em mais de 100 anos de história, não chega a 10 o número de negros que ocuparam posições importantes. É fácil verificar.

E você já não se constrange com isso. No seu subconsciente, “é assim mesmo, paciência. Não tenho culpa”. Tem sim. Não permita a normalização desse quadro de angústia. O nome disso é racismo. Sem meio termo.

Ano passado estive, em Brasília, no encontro da Frente Nacional dos Consumidores, uma excelente iniciativa. Um ex-colega de trabalho tirou algumas fotos do evento. No auditório com umas 150 pessoas, só tinha um negro - Edvaldo. E, insisto, era uma frente de consumidores. No intervalo do almoço, numa mesa com quatro pessoas, surgiu a pergunta: por que tão poucos negros no setor elétrico?

Fomos unânimes na compreensão de que não poderia continuar assim. Com uma ressalva, feita por um colega de mesa: “desde que não baixe o nível”. Este é o racismo na sua forma cultural, que olha o negro como menos qualificado. Vem na mesma linha do branco que não se senta ao lado do negro porque, em tal cultura, o negro fede.

Um detalhe: esse colega de mesa é o principal executivo de uma grande empresa e já exerceu cargos de direção em distribuidora, comercializadora e geradora, com passagens no regulador e na câmara de comercialização.

Não se esperaria muito de um setor que se empenha para ser não inclusivo, que normaliza o racismo. É daí que vem a perversa política de rateio dos custos dos subsídios, que faz o mais pobre pagar pelo mais rico. Na proporção de R\$ 30 bilhões ao ano, até 2040 será totalizado mais de R\$ 500 bilhões, na maior transferência de renda do pobre para o rico ao longo da história e, é provável, entre todos os países do mundo.

Viola Davis, numa cerimônia de premiação, discursou que no início de sua trajetória olhava uma linha no horizonte. Nela estavam várias mulheres brancas, que lhe acenavam. Na mente de Viola, ela jamais ultrapassaria aquela linha, mas ultrapassou. E concluiu: a diferença entre a mulher branca e a negra é a oportunidade.

A linha imaginária da Viola Davis é a linha da hipocrisia. É, repito, aquela força centrífuga que nos joga para fora. O negro já não corre descalço, como Bikila, mas carrega o fardo do racismo. Não deixe perpetuar o “cadê nossa gente, professor?”. Não permita que o racismo se transforme em argumento. Isso também é racismo.